

As gatas de Schrödinger

Carlos Alberto dos Santos

profcarlosalberto.com

Para citar este artigo: C. A. dos Santos. As gatas de Schrödinger. Disponível em <http://profcarlosalberto.com/images/gatas-schrodinger.pdf>.

Sinopse da biografia de Schrödinger

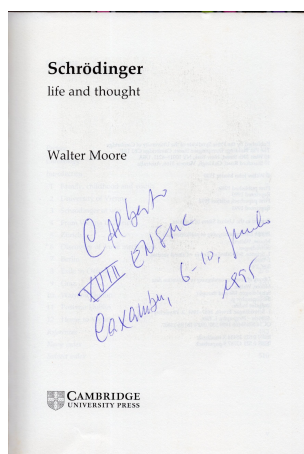
1. Nasceu e faleceu na mesma casa em Viena, em 12/8/1887 e 4/1/1961, respectivamente.
2. Ingressou na Universidade de Viena no segundo semestre de 1906, e concluiu seu doutorado em filosofia (Dr. Phil.) em 1910, com a dissertação *On the conduction of electricity on the surface of insulatores in moist air*. Esse doutorado era equivalente ao que mestrado de hoje.
3. Depois de prestar o serviço militar, em 1911, Schrödinger obteve um cargo de assistente em física experimental, supervisionado por Franz Exner e Fritz Kohlrausch.
4. O primeiro trabalho teórico de Schrödinger foi publicado em 1912: *On the kinetic theory of magnetism*.
5. Foi aprovado, em 1914, como *Privatdozent* da Universidade de Viena.
6. Seu primeiro trabalho considerado excepcional foi publicado em 1914, no *Annalen der Physik: On the dynamics of elastically coupled point systems*. Tem a ver com o tema central da vida de Ludwig Boltzmann, seu avô intelectual. Ou seja, a necessidade de modelos atomísticos na física.
7. Entre 1914 e 1918 a carreira científica de Schrödinger foi praticamente interrompida por causa de sua participação na I Guerra Mundial. Mesmo assim conseguiu publicar, em 1917, seu primeiro artigo a respeito da teoria quântica: *The results of new research on atomic and molecular heats*.
8. Seu primeiro trabalho no rumo da sua famosa equação foi publicado em 1921, na *Zeitschrift für Physik: Versuch zur modellmäßigen Deutung des Terms der scharfen Nebenserien*.
9. O primeiro trabalho no qual aparece sua equação foi publicado em 1926 no *Annalen de Physik: Quantisierung als Eigenwertproblem (Quantização como um problema de autovalor)*.
10. O mais famoso artigo com sua equação também foi publicado em 1926, na *Physical Review: Na undulatory theory of the mechanics of atoms and molecules (Uma teoria ondulatória da mecânica de átomos e moléculas)*.
11. Casa-se em 1920, com Annemarie Bertel.
12. Schrödinger iniciou e terminou sua vida acadêmica em Viena, mas em diferentes intervalos de tempo, ele trabalhou nas seguintes universidades: Jena, Stuttgart, Breslau, Zurique, Berlim, Graz, Oxford, Insbruck e Dublin.
13. Divide o Prêmio Nobel de Física de 1933 com Paul Dirac.
14. Teve, no mínimo, seis amantes durante seu casamento.
15. Não teve filhos com Anny, sua esposa.
16. Teve três filhas fora do casamento e um neto.

Para muitos não especializados em física, Erwin Rudolf Josef Alexander Schrödinger (1887-1961), ou simplesmente Schrödinger, é o sujeito que dá nome a um exótico experimento mental, conhecido como *Gato de Schrödinger*. Para aqueles que passaram pelos cursos universitários de física, Schrödinger é um dos responsáveis pela passagem da física clássica para a física moderna. Seus estudos têm extensas e profundas repercussões na tecnologia contemporânea. A famosa equação que leva o seu nome, é um ícone dessa passagem. Deduzida a partir de conceitos clássicos, ela introduz pela primeira vez, sem qualquer postulado ou premissa ad-hoc, os fundamentos da teoria quântica e pavimentam o caminho para o surgimento da física do estado sólido, hoje conhecida como física da matéria condensada, e desde sempre a fonte de onde jorrou a ciência e a tecnologia dos semicondutores, sem as quais não chegaríamos ao atual estágio tecnológico.

$$i\hbar \frac{\partial}{\partial t} \Psi(\mathbf{r}, t) = \left[-\frac{\hbar^2}{2m} \nabla^2 + V(\mathbf{r}) \right] \Psi(\mathbf{r}, t)$$

O que poucos sabem, é que o título original do experimento mental, em alemão, *Schrödingers Katze*, também pode ser traduzido como *Gata de Schrödinger*, o que nos leva à ambiguidade do título deste ensaio. Minha caminhada do gato para as gatas de Schrödinger foi desenhada há quase três décadas, quando rascunhei em um caderno o roteiro de um texto sobre *As Amantes do prêmio Nobel*. As sementes do roteiro eram três histórias que eu havia lido em algum lugar ou ouvido de alguém. Não me pergunte onde, nem de quem. Essa informação está perdida em local inacessível da minha memória. A primeira história era que Schrödinger tinha um caderninho onde anotava as preferências sexuais de suas parceiras de alcova. A segunda história referia-se ao seu envolvimento amoroso com uma adolescente, quando ele já estava elaborando sua famosa equação e dava aula particular de matemática para a bela ninfeta. A terceira história já é de sua fase de cientista famoso, ganhador do Nobel de física. Ao receber convite do Instituto de Estudos Avançados de Princeton, Schrödinger teria exigido a contratação do seu assistente, não porque era importante para seu trabalho, mas simplesmente porque a esposa do assistente era sua amante.

Agora diga-me, não é um belo roteiro para um folhetim destinado ao aguçamento da imaginação de meninos e moçoilas espirrando hormônios e esvaziando potes de pipoca na Sessão da Tarde? É, e foi exatamente isso que me fez iniciar os apontamentos mencionados acima.



No entanto, meu instinto de preservação da memória das grandes personalidades da história da ciência me faz “esquecer” esse tipo de projeto, mesmo dispondo de boas fontes para sua implementação, como esta extraordinária biografia escrita por Walter Moore¹, que possuo desde 1995, mas que só me dei ao trabalho de consultar alguns trechos referentes a trabalhos científicos do biografado. Foi também por esse instituto de preservação que resisti, ao longo de anos, a escrever sobre a vida conjugal de Albert Einstein e Mileva Maric, assim como jamais escrevi sobre o caso Marie Curie-Paul Langevin.

Mas, há momentos, sobretudo nesses tempos de mídia digital, nos quais sou impulsionado a meter o bedelho em favor da precisão historiográfica.



É o caso desse artigo recentemente publicado em *The Irish Times*². O artigo só está disponível para os assinantes do jornal, mas dele podemos ter ideia pelas repercussões que vem causando na mídia. Imediatamente ele motivou um abaixo-assinado (*Rename Trinity's Schrodinger Theater after a non-pedophile please*) em Change.org¹. Também logo depois de ir ao ar, o artigo motivou outras publicações^{3,4}. Na leitura que fiz desse material terminei chegando a outro artigo em *The Irish Times*, publicado em 2018⁵.

Ficou evidente que era chegada a hora de iniciar o projeto sobre as amantes de Erwin Schrödinger. É o que farei aqui, com informações exclusivamente extraídas do livro de Walter Moore¹.

Complexo de Lolita

O noticiário recente faz acusações de pedofilia, explorando esta expressão, *Complexo de Lolita*, atribuída por Moore à atração de Schrödinger por meninas na entrada da puberdade. Ele menciona três meninas pelas quais Schrödinger se viu apaixonado em sua fase adulta. A primeira delas é Lotte Rella, irmã de Tonio Rella, melhor amigo de Erwin no ensino médio. Em 1912, quando tinha 25 anos, ele ficou excitado ao caminhar na neve segurando a mão de Lotte, que estava recém entrando na puberdade. Três anos depois, em pleno campo de batalha da Primeira Guerra Mundial, Schrödinger registraria em seu diário sonhos eróticos com Lotte.

A segunda atração por uma ninfeta ocorreria treze anos depois de Lotte. Precisamente por volta de 1925, quando, aos 38 anos, Schrödinger estava arrumando suas malas para o sucesso internacional que sua equação lhe proporcionaria a partir do ano seguinte. O coração do impetuoso Erwin, no corpo do já famoso físico Schrödinger, derreteu-se pela adolescente Itha Junger, irmã gêmea de Roswitha, então com catorze anos. A menina, que era de uma rica família de Salzburg, deu-se mal nos exames de

¹ <https://www.change.org/p/trinity-college-dublin-rename-trinity-s-schrodinger-theater-after-a-non-pedophile-please?redirect=false>

matemática da escola secundária. Para recuperar os estudos foi internada em um convento nas redondezas de Zurique, ao tempo em que Schrödinger era professor da Universidade de Zurique. Quem melhor para dar aulas particulares de matemática do que o sujeito que estava fazendo a física clássica dar um salto para a física quântica?



Lotte Rella



Itha Junger

O arranjo foi feito por Anny, a esposa de Schrödinger, que convenceu o marido a dar uma aula por semana, em sua casa. A menina passou no exame. O que não passou foi a paixão, e Erwin iniciou uma paciente campanha para conquistá-la. Falava-lhe de seus avanços científicos, que provavelmente o levariam a ganhar o Nobel; presenteava-lhe com poemas de sua autoria. Apesar disso, Erwin não tentou leva-la para a cama até que ela completasse dezesseis anos. Foi em 1927, quando ele já era professor da Universidade de Berlin, e estava ocasionalmente hospedado na casa da família Junger, em Salzburg. Certa noite, ele invade o quarto de Itha, senta-se na cama e declara seu amor, jurando que tudo fará para que ela não engravide. Naquela noite a tentativa foi em vão, mas logo depois que ela completou dezessete anos eles tornaram-se amantes. A história toda foi relatada por Itha em entrevista a Walter Moore, em 1985.

Vale a pena conhecer os detalhes, mas antes quero concluir esta seção apresentando a terceira menina a transformar Erwin em Humbert, o personagem de Nabokov. Barbara MacEntee, era uma criança irlandesa, na flor de seus doze anos, quando Schrödinger a conheceu na casa da sua família, em Dunquin. A paixão foi imediata, e o assédio ficou tão evidente que um tio da menina lhe fez sérias advertências. Schrödinger desistiu da aventura, mas em seu diário colocou Barbara entre os amores não correspondidos de sua vida.

Ithi, a boa amante; Erwin, o supremacista

Itha, ou Ithi, como era chamada pelos parentes e amigos, foi um caso amoroso bastante prolongado. Entre o desejo pedófilo implícito em um poema para a menina,

Nos rastros de Herr professor Schnitzer / Com álgebra e corridas de três cantos / Ele levou a pequena Ithy quase até a morte / A pobre criança estava sem fôlego / De Zurique muito mais poderia ser dito / Mas sobre essas coisas eu não serei tão ousado (Tradução nossa).

e o tórrido romance consolidado com a jovem mulher, Erwin chegou a justificar suas preferências sexuais em um cenário claramente pedófilo e supremacista:

Parece ser comum que homens de intelectualidade forte e genuína sejam imensamente atraídos apenas por mulheres que, ainda no início da série intelectual, estão tão intimamente ligados às fontes preferidas da natureza quanto eles próprios. Nada intermediário servirá, uma vez que nenhuma mulher se aproximará mais do gênio pela educação intelectual do que alguns não intelectuais por nascimento, por assim dizer. Costuma-se dizer que nenhuma mulher é realmente genial. O fato é que todas têm genialidade. O gênio não tem nada de extraordinário nelas, é a regra, mas costuma ser fraco demais para suportar a contaminação pela cultura e pela civilização. Estou bastante convencido de que a única coisa sensata neste momento é fazer [Ithi] se entregar completamente a mim, e fazer isso não por qualquer meio, mas apenas por meio de amor genuíno e verdadeiro. Se eu não tiver sucesso, considerarei isso a coisa certa a ser feita, e não serei acusado de ser um amante tímido, mas tenho quase certeza de que terei sucesso (Tradução nossa).

Em agosto de 1928, Erwin, aos 41 anos, torna-se amante da adolescente Ithi². Logo ele chegou à conclusão de que a bela moçoila tinha todas as qualidades para uma boa amante, mas nenhuma para uma boa esposa. Antes de se tornarem amantes, Erwin tinha outra impressão, tanto que chegou a cogitar separar-se de Anny para se casar com Ithi. A ambiguidade de sentimentos de Erwin é expressa seu diário (Moore, p.255):

o descuido com o bem-estar e os desejos do companheiro é agora uma característica permanente em [Ithi] - ela mesma diz que é egoísta e é. O que ela anseia em uma união conjugal é sua alegria. Isso é uma coisa excelente se a união compreende nada além do relacionamento sexual. As relações sexuais em todo o seu esplendor e com toda a beleza da palavra que delas decorre. . . [Ithi] adora ser adorada, mas seu cuidado e ternura para com o homem que a adora diminuirá com qualquer certeza de possuí-lo (Tradução nossa).

O relacionamento durou quatro anos, ao final dos quais Ithi saiu com o coração partido, e provavelmente com um dano permanente em função de um aborto. Quando ela engravidou, Schrödinger tentou convencê-la a ter a criança. Prometeu criá-la, mas não se dispôs a separar-se de Anny. Além do mais, ele já estava de olho em outra conquista, Hilde March. Ithi resolveu abortar. Depois da separação de Schrödinger ela casou, sofreu uma série de abortos e nunca foi capaz de levar a gravidez a termo.

Em todas as suas conquistas amorosas Schrödinger demonstrou esse sentimento de superioridade intelectual para justificar seus irrefreáveis desejos sexuais. Mas, de acordo com Walter Moore (p. 176)

Pelas evidências de seus diários, ele não era um libertino para quem a conquista sexual fosse um objetivo em si —apaixonar-se era o que ele mais valorizava. Vários de seus maiores amores

² Há uma dúvida quanto a essa data. Na p.223, Moore informa que as gêmeas nasceram em agosto de 1912. Sendo assim, elas completaram 16 anos em agosto de 1928, e não 17 como afirma Moore na p. 253.

nunca levaram à união sexual, mas a paixão romântica era valorizada por si mesma e como fonte de inspiração: esse foi o padrão que Goethe tornou famoso e aceitável para a vida de uma pessoa criativa (Tradução nossa).

Walter Thirring que privou da amizade de Schrödinger, tem uma opinião mais condescendente sobre seu comportamento⁶:

Pode-se notar que outras pessoas criativas como Goethe tinham tendências semelhantes e entre os líderes políticos foram relatados excessos ainda maiores. Assim, Schrödinger estava em boa companhia e qualquer que seja a razão de seu comportamento - o desejo de ter filhos ou algum dano psicológico em sua juventude - deve-se acrescentar o seguinte. Ele sempre cuidou de sua esposa, porém, devido às depressões dela, sua vida com ela não foi fácil. Além disso, lendo o livro de Moore, pode-se pensar que Schrödinger acabou de abandonar suas namoradas depois de ter tido seu prazer. Não foi esse o caso, pelo menos não com Betty Dolan, que permaneceu uma boa amiga da família na época em que fiquei com os Schrödingers (Tradução nossa).

Há que se fazer uma ressalva em relação a Betty Dolan, uma irlandesa *ingênua*, no dizer de Schrödinger. A momentânea relação entre eles não passou de flertes. No início Schrödinger pensou que ela estava interessada em uma relação casual. Não passou disso.

O primeiro amor adulto

Vinte e um anos, era sua idade quando teve o primeiro caso amoroso adulto. Pouco se sabe da amada, Ella Kolbe. Aparentemente foi curto e intenso o relacionamento. Erwin morava na casa dos pais, mas usava o apartamento de um amigo de laboratório para seus encontros com Ella.

As filhas de Schrödinger

Com tantas aventuras amorosas, seria muito difícil escapar completamente de uma gravidez. A primeira, em 1932, foi a de Ithi, que abortou. Em 1934, sua amante Hilde March deu à luz sua primeira filha, batizada Ruth Georgie Erica, e tida como filha de Arthur March, esposo de Hilde e professor de física em Oxford. Aparentemente Hilde sofreu de depressão pós-parto e tendeu a rejeitar a criança. Anny, que sempre foi complacente com os casos extraconjugais de seu marido, deu total apoio a Hilde e durante vários meses tomou conta da criança.

Na primavera de 1945, nasceu Blathnaid Nicolette, filha de Sheila May Greene. Pelo que se sabe, Schrödinger teve pouco contato com Nicole, que foi adotada pelo casal Greene, como se fora filha biológica de David, o marido de Sheila.

Enquanto Sheila estava grávida, em 1944, Schrödinger apaixonou-se por Kate Nolan, o pseudônimo de uma jovem voluntária da cruz vermelha. Com limitada educação, a jovem de vinte e seis anos era alta, magra, loira de olhos castanhos e exalava o frescor e o charme de uma donzela irlandesa. Quando Kate ficou chocada com a declaração de amor daquele cinquentão insinuante, Erwin lhe disse: se você não é

capaz de me amar porque eu sou casado, me ame como um pai. Mas, não foi como um pai que ele cercou Kate durou quase um ano. Quando ela capitulou, em agosto de 1945, ele comemorou com um poema (Moore, p.422):

Sonho com uma noite de verão / quando você se deita em meus braços / e finalmente eu realizarei / aquilo pelo qual você se aperta contra mim.

O tremor por sua virgindade / por vergonha e perigo e morte / nos reduziu à humildade / subjuguou nosso amor.

Como ontem à noite seu corpo amado / estremeceu em um abraço / isso não foi um passatempo amoroso / foi um tormento - experimentado em leite.

Ó Rainha rodeada de pardais [Afrodite] / Dê-nos finalmente paz e luz / dê paz ou a morte no amor / não dura muito (Tradução nossa).

Quando Kate engravidou, sua indignada mãe ameaçou fazer uma denúncia pública, mas um amigo de Schrödinger conseguiu convencê-la a fazer um acordo. A menina, batizada Linda Mary Therese, nasceu em junho de 1946. Alguns meses depois ela foi levada para a casa de Schrödinger. Anny sugeriu o divórcio se Erwin quisesse casar com Kate, mas o casal de amantes não tinha interesse no casamento. Frequentemente Kate visitava a filha, e de vez em quando ameaçava tomá-la de volta. Um dia, no verão de 1948, enquanto Schrödinger e Anny estavam viajando, Kate aproximou-se de uma amiga da família, que estava passeando com Linda, a retirou do carrinho de bebê e fugiu. Nunca mais Schrödinger viu sua filha, e ela só soube da existência do pai quando muitos anos depois Ruth conseguiu estabelecer contato com sua meia-irmã. Kate nunca se casou e recebeu auxílio financeiro de Schrödinger para criar a filha.

A história do assistente em Princeton

No início deste ensaio mencionei que ao receber convite do Instituto de Estudos Avançados de Princeton, Schrödinger teria exigido a contratação do seu assistente, não porque era importante para seu trabalho, mas simplesmente porque a esposa do assistente era sua amante. A história é ligeiramente diferente, como nos relata Moore¹(p. 269), embora tenha acontecido na mesma época em que ele recebeu um convite da Universidade de Princeton para uma curta temporada.

Em 1933 ele fugiu da Alemanha e exilou-se em Oxford. Durante as negociações salariais, ele consultou Frederick Lindemann, o professor de Oxford que estava intermediando sua contratação, sobre a possibilidade de um contrato temporário para seu amigo Arthur March, que era professor em Innsbruck. Lindemann prometeu interceder junto ao *Imperial Chemical Industries*, com o argumento de que Arthur seria assistente de Schrödinger. Arthur era o esposo de Hilde, que Schrödinger estava cortejando e de quem se tornaria amante logo depois.

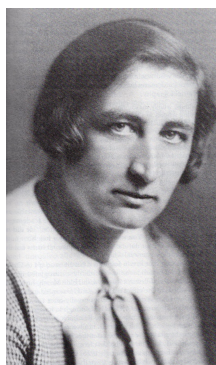


Felicie Krauss³

Foi a primeira grande paixão de Schrödinger, e também sua primeira grande decepção amorosa. Os pais de Felicie pertenciam à baixa nobreza austríaca e não admitiam seu casamento com o filho de um mero industrial, e que tinha como perspectiva profissional o baixo salário de uma carreira universitária. Com vinte e cinco anos, o sonho de Erwin era casar-se com Felicie, que ainda não chegara aos dezoito. No entanto, a violenta oposição da baronesa Krauss impediu o casamento.

Em 1917, quatro anos depois desse desenlace amoroso, Felicie casa-se com um barão, tenente do exército austríaco. O marido tinha o padrão social preferido pela baronesa Klaus, mas Felicie jamais esqueceu Schrödinger. Tornou-se grande amiga de Anny, a esposa de Erwin, e nos setenta anos de Schrödinger dedicou-lhe um poema:

*Parece-me, pelo primeiro canto do galo
Nosso tempo de infância apenas passou,
Parece-me, como se apenas um momento tivesse passado
Desde a diversão e alegria de nossa juventude (Tradução
nossa).*



Annemarie Bertel

Em 1913, tendo que superar o luto pela perda de Felicie, Erwin conhece Anny, oito anos mais nova do que ele, e que em 1920 torna-se sua esposa. Tiveram uma vida conjugal heterodoxa, com momentos de traição consentida. Em seu diário Schrödinger confessou que gostava de Anny como amiga, mas jamais a desejou como amante. Pior do que se isso, a considerava como uma servente. Aliás, ele sempre demonstrou uma postura supremacista nas suas relações amorosas.



Hildegunde March

Schrödinger conheceu Hilde em 1929, quando ele foi apresentar um seminário em Innsbruck, onde Arthur March, marido de Hilde, era professor. Na volta, ele disse a Anny que ficou impressionado com a beleza e o charme da jovem Hilde. Foi uma das grandes paixões de Schrödinger, mas demorou três anos até que eles se tornassem amantes. Foi por isso que ele conseguiu, em 1933, um emprego de professor para Arthur, em Oxford.

Com a sua persistência, Schrödinger levou quatro anos para conquistar Hilde. Ele chegou a sugerir que se divorciaria de Anny para casar com Hilde, mas ela não

³ As fotografias das mulheres com quem Schrödinger teve casos de amor, assim como de suas filhas foram extraídas do livro de Moore.

queria separar-se de Arthur. Ardentemente apaixonado, ele escreve em seu diário, ainda em Berlim, antes da ida para Oxford¹ (p. 272):

Agora, pela primeira vez, devo fazer um pequeno complô contra ela. Para fazê-la dormir comigo. Para abraçá-la - mesmo que seja apenas por uma noite. Nunca aconteceu que uma mulher tenha dormido comigo e não desejasse, conseqüentemente, viver comigo por toda a sua vida. Juro em nome do bom Deus que será a mesma coisa com ela (Tradução nossa).

Erwin mostrou seu diário a Hilde, que ficou convencida do amor que ele lhe dedicava, mas não a convenceu a abandonar Arthur. Mesmo assim ele anotou em seu diário: *Eu penso que ela é minha.*

A resistência de Hilde ruiu quando eles se encontraram para um passeio de bicicleta nas montanhas tirolesas, um pouco antes da partida para Oxford. Na volta, Hilde estava grávida, mas de fato não amava Schrödinger. Em 30 de maio de 1934 ela deu à luz Ruth, a primeira filha de Schrödinger.



Sheila May Greene

Ao contrário de outras amantes, claramente de limitado nível intelectual, Sheila tinha alto padrão social e intelectual.

Excetuando a área científica, ela competia intelectualmente com Schrödinger. Tanto ela, quanto o marido, pertenciam à alta classe de intelectuais de dublinenses. Quando Erwin os conheceu no início dos anos 1940, ele foi atraído pela beleza de Sheila e pelo nível acadêmico de seu marido, David.

Tornaram-se amantes na primavera de 1944, uma felicidade que Schrödinger assim registrou em diário¹(p. 407): *O que é vida?, eu perguntei em 1943. Em 1944 Sheila May me disse. Glória a Deus!* Os primeiros encontros foram na casa de Sheila, mas logo depois Erwin alugou um pequeno apartamento, próximo da universidade e da casa de Sheila. Em seu diário, Erwin comparou Sheila com Hansi¹ (p. 408):

Sheila. Agora deixe-me dizer-lhe, de tudo o que lhe disse, não há nada real além de Hansi Bauer. Ela era minha grande, grande amiga. Ela é a única sobre quem eu não preciso corar ao falar dela. E ela aprovaria. Conhecendo você como você é, ela entenderia e aprovaria completamente meu amor sem limites. Ela pode não gostar, certamente não. Mas ela tem o mesmo tipo de mente clara e objetiva que você (Tradução nossa).

Em outro parte do diário ele escreveu:

Você pode me dar o que quiser no futuro, e provavelmente ficará satisfeita em me dar bastante, mas nada superará o momento em que vi a glória de Deus com todos os seus anjos, quando seus lábios entreabertos, tremendo como se fosse (ou era eu?). . . me disse que me amava (Tradução nossa).

Em determinado momento, Sheila escreveu para Schrödinger¹ (p. 409):

A dificuldade para mim é que o que chamamos de consciência, todas as experiências que nos transformam nas criaturas que

somos, cada uma com sua própria memória individual - essas experiências vêm sempre através dos sentidos. . . Conheço Erwin pela visão, toque e som. Se eu não posso vê-lo, senti-lo ou ouvi-lo, ele existe para mim? Se eu não tivesse esses sentidos, como poderia estar ciente de sua existência, ou mesmo da minha? [...] O senso comum me diz que não. [...] É possível que sua inteligência, sendo grande demais para aceitar os contos de fadas usuais, seja forçada a inventar uma explicação mais racional própria. Por favor, querido, não pense que tenho a temeridade de criticar um cérebro tão superior ao meu. Estou perguntando, fazendo perguntas o tempo todo, porque quero muito saber e preciso saber. Sinto-me agora diante de uma porta entreaberta, e sei que só posso atravessá-la de mãos dadas com você. Talvez eu seja deixada para trás.

Uma coisa que eu sei é que eu te amo de uma maneira que durará tanto quanto eu durar, e que quando nos beijarmos e fizermos amor o quanto quisermos, essa outra força mais forte continuará viva - pelo menos para mim. . . Eu nunca me senti assim antes.

Agora, seja um bom homem e destrua esta carta, ou tranque-a, mas não a deixe em uma mesinha de telefone. Eu te amo muito . . . Sheila.

Pelo que se depreende do livro de Moore, talvez Sheila tenha sido a amante com quem Schrödinger mais trocou correspondência ou discutiu questões “filosóficas” sobre o amor. Tais escritos, de um e de outro, exibem claramente a intensidade da paixão que os unia. Em um apontamento nos seus diários, Erwin resumiu o que tinha dito a Sheila num passeio de bicicleta que fizeram no Vale Liffey, visitando velhos castelos¹ (p. 410):

A coisa mais simples do mundo é ir para a cama. Temos que fazer isso todos os dias. E todo mundo odeia fazer isso sozinho. E você me deu mais, mais, mil vezes mais do que qualquer outra pessoa: seu amor claro, limpo, simples e direto. Nem por um segundo houve qualquer joguinho mesquinho sobre isso, nem nunca haverá.

No entanto, você não é a simples, a simples menina justa. Você é tão fina e sutilmente organizada - pelo menos tão fina e sutilmente quanto eu. Mas o amor é para você o poder simples, grande e elementar como é para mim. Nós dois aceitamos com prazer o veredicto do Deus brincalhão e bem-humorado: amem-se até o alcance de seu poder. Não desejamos nada melhor do que amar, amar, amar, onde temos certeza de retorno ilimitado.

Quando Sheila engravidou Erwin explodiu de felicidade. *Eu sou o homem mais feliz em Dublin, provavelmente na Irlanda, provavelmente na Europe. Não posso imaginar felicidade maior do que essa.*

No entanto, esse tórrido amor levou um tempo menor para evanescer do que para emergir. Bem antes de Nicole, a filha de Sheila nascer, o pai Erwin já estava

apaixonado por Kate Nolan, com quem teve Linda, sua última filha, e com quem só teve contato nos primeiros anos de vida.

Desesperada com a frieza de Schrödinger, Sheila lhe escreve:

Olhei em seus olhos e encontrei toda a vida lá, aquele espírito que você disse que não era mais você ou eu, mas nós, uma mente, um ser, um amor. Durante dois meses existiu aquela alma comum. Hoje eu vi as escamas rastejarem sobre seus olhos e eu a vi morrer. Ele escapou sem sequer uma luta. Minha mente ficou dormente, não havia nada que eu pudesse fazer, nem nunca possa fazer, para nos dar isso de novo. . . Você ainda me ama, eu sei. Eu amo meu gato porque ele é macio e doce e me deixa brincar com ele. Você pode amar com ternura, com devoção, pode me amar por toda a vida, mas agora somos dois, não um. Por que você deixou-se ir? Não valeu a pena lutar? Minha culpa talvez no começo, pois sou irrefletida e tola, mas certamente a idade e o aprendizado trazem algum tipo de sabedoria para um homem. . . Você não sabe que qualquer coisa pode ser alcançada quando você e eu estamos juntos, que mesmo pensando que eu sou jovem e desmiolada, quando você abre sua mente para mim, eu posso ver com isso e usá-lo. Mas não, você fala de um amante colocando o outro em um pedestal muito alto. Você fala de amar, mas talvez não de aprovação. Em poucas frases você mata a melhor coisa que eu já tive, e então você me convida para a cama, mesmo que eu prefira sair para tomar uma bebida. Claro, na cama estamos bem, sempre faremos isso bem. Mas o que se foi, nunca, nunca voltará? Eu poderia suportar a sua crueldade e eu realmente não me importaria, mas a coisa de partir o coração é que você nem sabia o que estava fazendo. Só posso rezar pelo nosso filho, que foi concebido há uma ou duas semanas.

Impossível não pensar no lamento de Ingrid, a personagem de Ibsen na peça Peer Gynt. Impossível também não pensar no sofrimento de Mileva Maric, quando Einstein decidiu abandoná-la.

Anos depois Sheila e David Greene divorciaram e ele criou a filha, que, por assim dizer, Schrödinger abandonou. Sheila tornou-se editora do jornal do partido trabalhista irlandês e faleceu no início dos anos 1970.



Ruth Georgie Erica



Linda Mary Therese

Notas

1. Moore, W. *Schrödinger: Life and thought*. (Cambridge University Press, 1989).
2. Humphreys, J. How Erwin Schrödinger indulged his ‘Lolita complex’ in Ireland. *The Irish Times* (2021).
3. Druce, J. Physics Staff to Call for Schrödinger Theatre to be Renamed. *University Times* (2022). Available at: <https://universitytimes.ie/2022/01/physics-staff-to-call-for-schrodinger-theatre-to-be-renamed/>. (Accessed: 13th January 2022)
4. Tran, T. Turns Out Schrödinger, the Father of Quantum Physics, Was a Pedophile. *Futurism* (2022). Available at: <https://futurism.com/schrodinger-pedophile>. (Accessed: 13th January 2022)
5. Sweeney, T. The very amorous genius. *Irish Daily Mail* (2018).
6. Thirring, W. Genius - glittering, haunted, abused. *Phys. World* 45 (1989).

Carlos Alberto dos Santos é professor aposentado pelo Instituto de Física da UFRGS. Foi Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UNILA (2010-2011) e professor visitante sênior do Instituto Mercosul de Estudos Avançados-UNILA (2011-2015). Autor revelação do ano, categoria ficção, no Prêmio O Sul, Correios e os Livros, durante a Feira do Livro de Porto Alegre, 2003. 1º. lugar no Prêmio Marengo d’Oro (Categoria Autor Estrangeiro, Itália, 2004); 3º. lugar no Prêmio Jabuti em 2016 (Categoria Ciências da Natureza, Matemática e Meio Ambiente).